

MAGALHÃES, Ruyrillo. Campinas, a de sempre, a de ontem, a de hoje: A fundação de Campinas, A fidalguia do café, Campinas transforma-se. Diário do Povo, Campinas, 14 jul., 1964.

14 de julho de 1774 — é esta a data oficial da fundação de Campinas.

O "Diário do Povo" de 31 de dezembro de 1963, em sua parte oficial, publicou o relatório da Comissão Especial nomeada para estudar a controvérsia existente sobre a data da fundação de Campinas e, por êsse relatório, ficou estabelecido que o dia 14 de julho seria, oficialmente, considerado o dia da fundação da cidade.

Assim, hoje, comemoramos o 19.º aniversário de Campinas como cidade.

A fundação de Campinas

A fundação de Campinas, ou melhor, a origem do povoado, que mais tarde seria esta esplêndida Campinas de nossos dias, foi o bandeirismo.

Os bandeirantes nas suas arrancadas pelos sertões paulistas em demanda de Mato Grosso, dizem os historiadores, construíam ranchos e faziam roças nas terras

que mais tarde seriam divididas pelas ruas desta cidade.

O clima ameno, a beleza do local, a fertilidade das terras atraíram moradores. E de simples pouso foi, paulatinamente, se transformando em povoado de moradores permanentes.

A fidalguia do café

Campinas foi a terra dos Barões do Café.

O café foi a grande e bela surpresa da vida econômica do Brasil do século XIX.

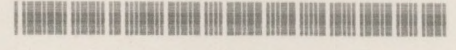
Se ao açúcar se deve a riqueza do Brasil-colônia é fora de dúvida que o café fez a fortuna do Império e sustenta até hoje esta torturada República.

Campinas transforma-se

Em 1927, começa a crise do café.

Já aí a civilização brasileira perdera as suas linhas tradicionais e nitidamente agrícolas.

Iniciava-se a era industrial brasileira, que Volta Redonda seria o marco de maior expressão já na década de 40.



MAGALHÃES, Ruyrillo. O fundador. Diário do Povo, Campinas, 14 jul., 1964.

O fundador

Francisco Barreto Leme pode ser considerado o fundador de Campinas.

O cuidadoso e culto historiador, que é o campineiro Comendador Teodoro de Souza Campos Júnior, afirma, textualmente, "Francisco Barreto Leme, entre os fundadores de Campinas, é o *primus inter pares*."

E diremos nós, no consenso geral, e pode ser considerado o fundador de Campinas, pois ninguém mais do que ele fez, nos anos difíceis de nossas origens, por esta terra.

É fora de dúvida que já, em 1744, Francisco Barreto Leme estava estabelecido em Campinas, sendo, posteriormente, em 1774, nomeado, por D. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão, morgado de Mateus, e Governador da Capitania de São Paulo, para "Fundador, Administrador e Director, da da. Povoaçam, enqto. nam mandar o contro. e concorrer na sua pessoa christandee. capacide. e justiça pa. dirigir os Povos della com paz e quietaçam; e lhe ordeno convoque pa. o dito effeito todos os forros, carijós e administrados de qe. tiver noticias andão vadios e nam tem caza, nem domicilio certo, nem sam uteis à Republica e os obrigar a ir povoar ditas terras de Campinas de Matto de Jundiahy, estabelecendo nelas a referida Povoaçam".

E assim surgia, oficialmente, Campinas.

Mas, desde 1728, que, em documentos oficiais, se fazia menção a Campinas.

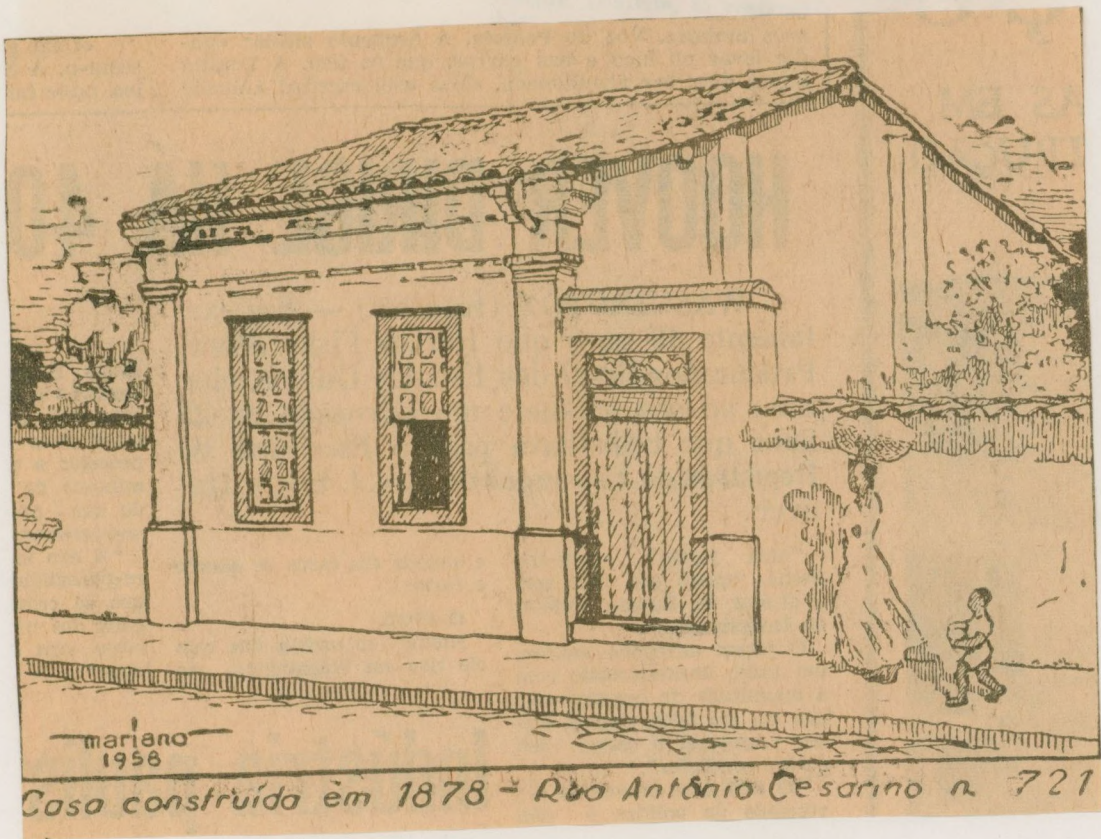
Ao longo do chamado Caminho dos Goiaes, que foi aberto entre 1722 e 1725,

que demandava Mato Grosso, foram concedidas diversas sesmarias, sendo que a primeira de que há referência, no território de Campinas, tocou a Antonio da Cunha de Abreu e fazia pião justamente onde é hoje o centro da cidade, sendo datada de 17 de maio de 1728.

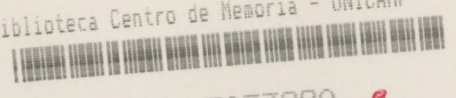
• E foi nas terras dessa sesmaria, que, em 1739, se fixou Francisco Barreto Leme, que é hoje considerado o fundador de Campinas.



Marco da fundação



Casa construída em 1878 - Rua Antônio Cesarino n. 721



MAGALHÃES, Ruyrillo. Palmeiras, passado e futuro. Diário do Povo,
Campinas, 14 jul., 1964.

Palmeiras, passado e futuro

Mas, do café ficaram ainda, a dar um toque de permanente fidalguia à singeleza da paisagem urbana da cidade, que cresce e se espalha em novos bairros, as silhuetas heráldicas das palmeiras imperiais, verdadeiros símbolos verdes da terra campineira, a evidenciar aos olhos maravilhosos do homem do presente o idealismo bandeirante de uma raça de conquistadores dos sertões do sem fim...

E ficaram alvejando ao sol as velhas

taipas de antigas casas ensombradas por mangueiras acolhedoras, que relembram, misturados às linhas modernas dos arranha-céus, a Campinas bucólica, do começo do século, plena de saudade, de nostalgia, de evocações de velhas lutas, de antigas aspirações, de recordações eternas.

Tudo isso é Campinas, a Campinas moderna, elegante, limpa, progressista, imagem e paradigma de um país que marcha para o futuro.



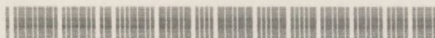
Imagem do Passado



Palmeiras imperiais, símbolos verdes da paisagem campineira.

Campinas do café lançou-se ao algodão e dêste ao seu parque fabril.
E Campinas não perdeu a sua importância econômica, ao contrário, tornou-se mais evidente.

E é hoje uma grande cidade, com zona rural florescente, parque industrial expressivo, possuindo magnífico centro hospitalar e duas Universidades.



MAGALHÃES, Ruyrillo. Campinas comanda. Diário do Povo,
Campinas, 14 jul., 1964.

Campinas comanda

Na história dos povos, registra Pedro Calmon, o fenômeno da cultura cafeeira do Brasil, principalmente em São Paulo, é um dos mais interessantes pela súbita e extensa conquista de territórios, ainda há pouco cobertos de florestas e inçados de índios, e pelo volume da produção, que em trinta anos passou a ser o elemento fundamental da nossa economia.

O plantio do café foi introduzido, em 1770, quatro anos antes da fundação de Campinas, no Rio de Janeiro.

Sòmente, em 1810, entende-se pelas vertentes da província do Rio de Janeiro e pelos vales do Paraíba do Sul e do Paraíba.

Em 1817, é fundada, em Campinas, uma fazenda dedicada ao plantio regular do café.

Campinas se evidencia de tal maneira com o plantio do café e este se torna de tão marcante importância no cenário nacional que, cinco anos após a instalação da primeira fazenda de café em Campinas (1817) e doze de uma introdução no vale do Paraíba, ou seja, em 1822, quando o Brasil conseguiu a sua independência política, o café e o fumo entrelaçados figuram na Bandeira do Império!

O café domina economicamente Campinas e o Brasil e, em consequência, a sua vida social e política.

Na terra ensolarada e bárbara, a Casa da Fazenda é um marco afirmativo de civilização e poderio sócio-político e econômico.

E o fazendeiro, fidalgo da terra, domina o Estado e o país.

E Campinas, através das vergôntes de suas mais velhas famílias, vai, também, dominar, através dos seus Barões e os do Vale do Paraíba, a paisagem política do Império.

E mais tarde, após a abolição, são ainda os filhos de Campinas, que irão tecer a rede política da República que alvorecia...

JFT 8.5.8, 1.9-5

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE033982 •

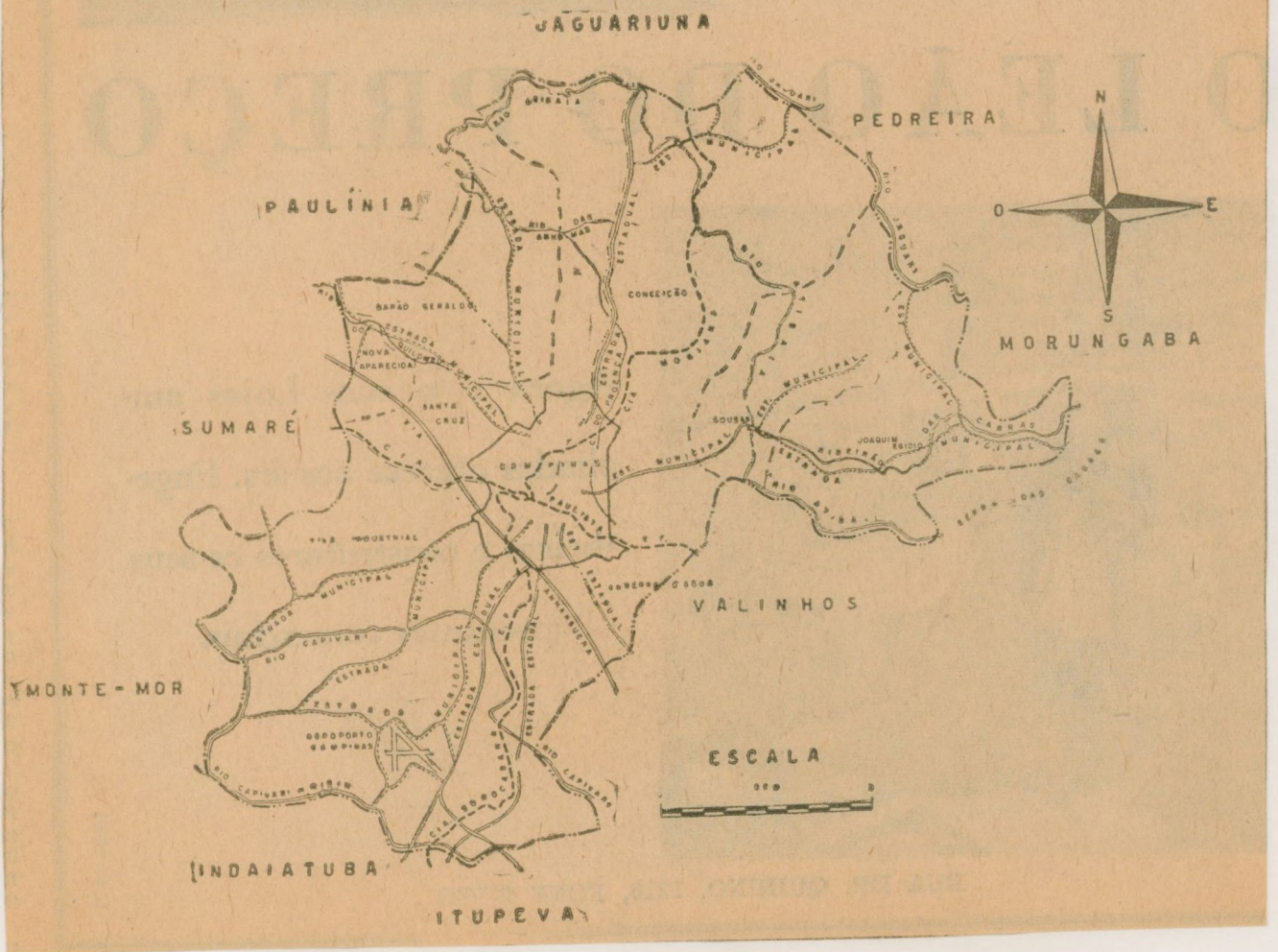
MAGALHÃES, Ruyrillo. Divisas atualizadas de Campinas. Diário do Povo, Campinas, 14 jul., 1964.

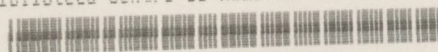
DIVISAS ATUALIZADAS DE CAMPINAS

O mapa acima é o da situação atual do Município de Campinas, ou seja, já com suas novas divisas, apresentando uma área de apenas 784,20 quilômetros quadrados. Assinale-se que o Município perdeu, de 1948 até esta data, cerca de 43 por cento de sua antiga área. A nova situação decorre do desmembramento de vários distritos campineiros, tais como Sumaré, Valinhos e Paulínia, que se transformaram em novos municípios. Antigamente, as divisas de Campinas iam até Limeira, Santa Barbara, Mogi-Mirim, Amparo, Belém, Jundiaí, Indaiatuba e Itu. Hoje, não passam de Jaguariuna, Morungaba, Pedreira, Indaiatuba, Itupeva, Valinhos, Sumaré, Monte Mór e Paulínia.

MAGALHÃES, Ruyllio. Divisas atualizadas de Campinas. Distrito do
Povo, Campinas, 14 Jul, 1964.

AMUNICÍPIO DE CAMPINAS





MAGALHÃES, Ruyrillo. Dos engenhos às fazendas. Diário do Povo,
Campinas, 14 jul., 1964.

Dos engenhos às fazendas

Do longinquo 1774 até este inquietante 1964, a terra campineira enfrentou com marcante galhardia todos os ciclos sociais, econômicos e políticos caracterizadores do desenvolvimento geral do país.

Nos tempos coloniais, com a sua vida incipiente, integrou-se no ciclo econômico do açúcar de tão marcante relêvo na História Pátria pelo que representou na conjuntura sócio-política da nacionalidade.

Todavia, não há negra, que foi com a monocultura cafeeira que a plácida Campinas atingiu o auge de sua expressão econômica e, conseqüentemente, o seu máximo fastígio social e político.

Na zona rural, formaram-se as grandes e expressivas fazendas de café, que evidenciavam a opulência econômica da região.

Se, no Nordeste, era o Senhor de Engenho o símbolo da fidalguia da terra, do prestígio social, da preponderância econômica e do poderio político, aqui, nas terras de Piratininga, era o fazendeiro o elemento de maior expressão sócio-político-econômica.



MAGALHÃES, Ruyrillo. A primeira missa. Diário do Povo, Campinas, 14 jul., 1964.

A primeira missa

Barreto Leme, segundo se afirma, ofereceu terrenos para que se edificasse uma Igreja, obtendo-se do bispo Frei D. Manuel da Ressurreição, em 1774, a instalação da freguesia.

A primeira missa foi celebrada, em matriz provisória, em 14 de julho de 1774, sendo, pois essa data considerada como sendo da fundação de Campinas.

O celebrante foi Frei Antônio de Pádua.

A capela — matriz provisória — se localizava onde hoje se ergue a estátua de Carlos Gomes.

De acôrdo com os nossos costumes, vindos do passado, a fundação de uma cidade é sempre marcada por êsse primeiro ato religioso.

Praticamente, a História do Brasil começa com a primeira missa.

E com a primeira missa começa, no entender oficial, a nossa Campinas.

Campinas, dest'arte, completa hoje 190 anos.